



## O NASCIMENTO DO EU NA PSICOTERAPIA DE AUTENTICAÇÃO

### RESUMO

A temática desta investigação nasce da problematização de como contribuir para o nascimento de uma consciência autêntica do homem. Por autenticidade entendemos a identidade conforme o projeto individual de natureza, ou seja, ser, saber e fazer aquilo que se é. Este artigo apresenta parte do percurso teórico de Antonio Meneghetti ao cunhar o conceito de nascimento do Eu, enquadrando o assunto especificamente no contexto psicoterapêutico. A psicoterapia de autenticação é um dos instrumentos de intervenção da escola ontopsicológica, o qual consente o desaparecimento do sintoma e a evolução do sujeito, abrindo a novidade de discurso ao nascimento do Eu. Será exposto o conceito e definição de Eu, como se dá a sua constituição inicial, o seu desenvolvimento, a formação do complexo e a fundamental problemática do Eu autêntico versus Eu fictício. Ao final, é apresentada a solução através da psicoterapia de autenticação, acrescentando a importância da exatidão do pesquisador e da ciência, e seu resultado último, ou seja, o nascimento do Eu.

**Palavras-chave:** Conceito e formação do Eu. Psicoterapia de autenticação. Psicologia clínica.

OLIVEIRA, Luísa Barcelos de

[luisaboliveira@gmail.com](mailto:luisaboliveira@gmail.com)  
Pós-Graduação em Gestão do Conhecimento  
e o Paradigma Ontopsicológico pela  
Antonio Meneghetti Faculdade – AMF;  
Bacharel em Psicologia  
pela Universidade Paulista – UNIP.

BARBIERI, Josiane B. Piccin

Professora convidada do Curso de Gestão do  
Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico  
da Antonio Meneghetti Faculdade – AMF;  
Mestre em Filosofia pela Pontifícia  
Universidade Católica – PUC/SP;  
Pós-Graduação em Psicologia pela Universidade  
Estatal de São Petersburgo - Rússia;  
Pós-Graduação em Psicologia Social pela Pontifícia  
Universidade Católica – PUC/RS;  
Pós-Graduação em Psicoterapia da Adolescência pela  
Pontifícia Universidade Católica – PUC/RS;  
Bacharel em Psicologia pela Pontifícia  
Universidade Católica – PUC/RS.

## THE US BIRTH AUTHENTICATION OF PSYCHOTHERAPY

### ABSTRACT

The theme of this research is born of problem - how to contribute to the birth of a genuine consciousness of man. For authenticity understand identity as individual project nature, ie, being, knowing and doing what one is. This article presents part of the theoretical trajectory of Antonio Meneghetti by coining the concept of birth I, framing the issue specifically in the psychotherapeutic context. Psychotherapy authentication is one of the instruments of intervention Ontopsychological school, which allows the disappearance of the symptom and the evolution of the subject, the novelty of opening speech to the birth of the self. Exposed Does the concept and definition of I, how is the its initial formation, its development, complex formation and the fundamental problem of I versus fictional authentic Self. At the end, the solution is presented through psychotherapy authentication, adding the importance of accuracy of the researcher and science, and their last result, ie, the birth of the self.

**Keywords:** Concept and formation of I. Psychotherapy authentication. Clinical psychology.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, pretende-se apresentar com maior detalhe o percurso teórico de Antonio Meneghetti ao cunhar o conceito de nascimento do Eu, enquadrando o assunto especificamente no contexto clínico psicoterapêutico. A psicoterapia de autenticação é um dos instrumentos de intervenção da escola ontopsicológica, o qual consente o desaparecimento do sintoma e a evolução do sujeito, abrindo a novidade de discurso ao nascimento do Eu.

Será exposto o conceito e definição de Eu, como se dá a sua constituição inicial, o seu desenvolvimento, a formação do complexo e a fundamental problemática do Eu autêntico versus Eu fictício. Ao final, será apresentada a solução através da psicoterapia de autenticação e o seu resultado último, ou seja, o nascimento do Eu.

O tema surgiu da problematização de como contribuir com a autenticidade do homem, entendida como a sua identidade conforme o projeto individual de natureza, ou seja, ser, saber e fazer aquilo que se é. A autora, tendo obtido o conhecimento geral sobre a ciência ontopsicológica durante o curso de especialização em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico na AMF, e iniciado a prática profissional da psicoterapia, constatou a necessidade de contribuir para a ampliação do conhecimento relativo ao nascimento do Eu, abrangido como motivação e o fim último da psicoterapia. Destina-se a quem esteja disponível a conhecer uma técnica fundamental que permite o acesso ao nexos ontológico<sup>1</sup> e, conseqüentemente, a um trabalho efetivo em psicoterapia.

## 1. METODOLOGIA

Este artigo usou como metodologia a pesquisa bibliográfica, tendo em vista que considerou algumas das principais obras relacionadas ao tema para desenvolver a síntese do trabalho (MARCONI; LAKATOS, 2003). Segundo Gil (1991), também é uma pesquisa explicativa, já que busca identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de determinado fenômeno.

---

<sup>1</sup>AZEVEDO, Érico de L.; BARBIERI, Josiane B. P. Por que Ontopsicologia? Revista Saber Humano, Recanto Maestro, n. 3, p. 8-13, 2013.

## 2. CONCEITO E DEFINIÇÃO DO EU

Segundo Antonio Meneghetti, em seu livro *O nascimento do Eu*, o conceito de Eu foi e ainda é pouco estudado pela ciência psicológica. Alguns autores trataram sobre o tema, mas de modo aproximativo, quando, por exemplo, abordaram os conceitos de personalidade, ego e self. Comumente estas abordagens partiram de uma cisão na relação entre sujeito e objeto e, basicamente, tiveram uma conotação funcional, ou seja, abrangiam as funções que o eu assume na medida em que ocorre a maturação biológica: memória, pensamento etc. Fundamentalmente, em termos psicanalíticos, o Eu é uma função mediadora entre o consciente e o inconsciente<sup>2</sup>.

Um dos autores apontados por Antonio Meneghetti, na obra *O nascimento do Eu*, foi Melanie Klein. A autora apresenta o Eu constituído a partir de suas cisões. Com elas, o Eu sai do estágio pré-narcisista, ou seja, a fase em que o sujeito ainda não se vê distinto e individuado. Esta cisão ocorre pela provocação do investimento da carga energética do Eu em um objeto. Através do mecanismo de introjeção, os objetos são experimentados não somente como externos, mas percebidos “dentro” do Eu, isto é, tornam-se parte de sua vida interna. Segundo a autora, o que estimula o desenvolvimento do Eu é a angústia:

No empenho de dominar a angústia, o ego da criança convoca o auxílio de suas relações com os objetos e com a realidade. Esses esforços são, portanto, de fundamental importância na adaptação da criança à realidade e no desenvolvimento do seu ego. (KLEIN, 1981, p. 241).

Por sua vez, Antonio Meneghetti apresenta o conceito de Eu determinado por três instâncias: “o tecido orgânico, o imediatismo de interação corpo-ambiente e a incidência diretiva organizada do social” (MENEGHETTI, 2003, p. 13). O *tecido orgânico* é o corpo. Através dele se dá a individuação, que é o sujeito, segundo seu modo próprio. De início existe a individuação, porém, o Eu ainda não é atuante. Depois, através da interação corpo-ambiente, a constituição do Eu varia, por exemplo, de acordo com o tipo de civilização e clima, do ambiente onde vive. Por fim, através da *incidência diretiva organizada do social*, a sociedade e o sistema acabam prevalecendo sobre o indivíduo. O sujeito se molda segundo informações recebidas do externo (família, escola etc.). Estas são basilares, pois, de modo geral, a informação antecipa a matéria. Os dados constatados pelos estudos de Embriologia, por exemplo, revelam que antes mesmo da formação dos órgãos, verificam-se já as pulsações que posteriormente serão aquelas do coração e pulmão. O DNA é um aspecto mais aparente, porém, a causa determinante é a informação intraemocional da mãe.

---

<sup>2</sup>A formação do eu e o poder da psicanálise. Cogito, Salvador, v. 11, out. 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792010000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792010000100004&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 06 jul. 2014.

O Eu sofre a vetorialidade, a constrição segundo o tipo de organização mental que já preexiste naquela determinada família onde a criança cresce. O Eu é um precipitado do social ambiental: depois dessa fase, determina-se a consciência. A consciência se desperta mais por processo social que por um processo orgânico. (MENEGHETTI, A. 2003, p. 15).

Por este motivo, a mediação parental é de elevada importância no processo de desenvolvimento, pois de início a criança se reconhece através da mãe, ama a si mesma através do modo como a mãe a ama. Posteriormente às fases iniciais, quando a consciência se desperta, o Eu tem a possibilidade de realizar-se sempre mais, dependendo dos objetos escolhidos para metabolizar. Quando adequados à sua identidade, torna-se mais. Com isso, define-se o Eu como “[...] a estrutura que tem a capacidade de mediar a realidade externa ao organismo” e que “[...] nasce no momento que o organismo seleciona o ambiente a si.” (MENEGHETTI, 2003, p. 15).

A partir do momento em que o indivíduo começa a perceber e conscientizar o seu próprio corpo e suas necessidades e instintos, como fome e sede, por exemplo, o Eu surge. O objeto é identificado no ambiente e depois deve ser metabolizado. O nascimento do Eu ocorre por um processo de individuação. Começa com o corpo, o qual coloca o sujeito em contato com o ambiente, espaço, tempo e outras pessoas. As exigências de ordem somática são primeiramente comunicadas pelo instinto, que é “uma espécie de disposição inata, que determina o organismo a ser aquilo que é.” (MENEGHETTI, 2003, p. 21) Depois disso, um objeto específico que responda às necessidades deve ser aprovado.

O processo de metabolização é a primeira fenomenologia do Eu, pois este “[...] nasce processualmente no ter do próprio corpo.” (MENEGHETTI, 2003, p. 23) Este ter do próprio corpo é chamado de *instinto de posse*. “O instinto de posse é a primeira fenomenologia da identidade que metaboliza o mundo na medida em que lhe é similar.” (MENEGHETTI, 2003, p. 23). As ações iniciais de pegar e largar os objetos, ainda antes dos três anos, são exatamente a fenomenologia disso, ou seja, a descoberta e exercício do Eu com o seu instinto, identificando aquilo que é ou não é próprio, igual a sua identidade.

A partir dos três anos inicia-se a busca e questionamento também pelos objetos problemáticos, geralmente relacionados a aspectos existenciais, como o nascimento, a existência e a morte. A partir desta fase, também muito importante é a atividade lúdica. Através do brincar a criança vive, experimenta e exercita uma verdade organísmica e psíquica, e que futuramente não será diferente das atividades do adulto pintor, agricultor, professor etc.

Durante este processo, infelizmente corre-se o risco de excluir grande parte da realidade, quando se experimenta, por exemplo, somente um tipo de escola, um tipo de religião, ficando somente com o pai ou somente com a mãe etc. Inicialmente o sujeito precisa do outro para refletir-

se, geralmente a mãe<sup>3</sup>, porém, com o decorrer do tempo, deve realizar um movimento para tornar-se autônomo – o que nem sempre ocorre. Muitas vezes, por exemplo, os pais esperam que os filhos satisfaçam suas próprias necessidades, como ter a vida que não foram capazes de construir e viver, ou então para serem resposta aos conflitos conjugais. Esse tipo de relação faz com que os filhos, mais tarde, acreditem que possam influenciar determinantemente os pais, inclusive com a percepção de estarem no centro da vida deles. Podem vir a sentirem-se importantes e centrais para quem quer que seja. Esta relação mãe-filho é a primeira e fundamental relação estabelecida pelo sujeito nos primórdios de seu desenvolvimento e foi denominada pelo autor Antonio Meneghetti de *díade*.

## 2.1 As Implicações da Díade para o Desenvolvimento do Eu

No livro *Manual de Ontopsicologia*<sup>4</sup>, Meneghetti chama de díade a interação do homem com o mundo, desde o princípio da sua vida. Pode ser uma relação de negócios, familiar, de amizade etc. O autor utiliza o exemplo de uma célula binucleada, onde o núcleo parte de dois centros, e um não pode viver sem o outro. O elemento mais organizado sempre estrutura o menos organizado e, do mesmo modo que com a célula, acontece com o homem. Conforme refere o próprio autor:

Díade significa movimento a dois, onde um movente não pode agir sem o coincidente heteromovente. [...] Díade é um conceito mais forte que o de simbiose, porque a relação diádica implica absoluta necessidade do outro. (MENEGHETTI, A. 2010, p. 235).

Para se escolher *díades* saudáveis e evolutivas, o autor aponta, no livro *Manual de Ontopsicologia*, três regras básicas: 1) *auscultar a resposta orgânica*, isto é, cada vez que se impacta outra pessoa, verificar o que o corpo assinala, perceber as próprias sensações; 2) *jamais perder de vista o escopo da relação*, isto é, saber e delimitar o que quer e pretende com aquela relação; 3) *manter sempre o próprio profissionalismo e uma profunda dignidade de si mesmo*. Por fim, antes da díade com o outro, a fundamental a ser verificada é a *díade ser-existência*. Deve ser autenticada para que de fato o sujeito seja levado àquilo que é, à sua própria identidade – palavra vinda do latim, *id quod est ens*, que significa: o que o ser é aqui, assim e agora. (MENEGHETTI, 2012, p. 130).

Antonio Meneghetti constatou que o principal fator relevante para o sujeito não atingir essa evolução de modo sadio, é o prolongamento para além do tempo necessário da *díade* inicial

<sup>3</sup>O conceito de mãe para a Ontopsicologia é o adulto de maior referência afetiva, ou seja, não necessariamente a mãe biológica.

<sup>4</sup>MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010, p. 234.

<sup>5</sup>MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010, p. 242

mãe-filho. Esta díade deveria ocorrer até a idade próxima à adolescência. Com o passar dos anos e naturalmente, mesmo com a dor, deve deslocar o movimento da díade “centripetando-se” cada vez mais em si mesmo, assim como exposto anteriormente com relação à mediação parental. Esse destaque é necessário para desenvolver a autonomia. Caso contrário, o sujeito passa a escolher sempre em base a uma memória e um modelo aprendido na infância, ou seja, não desenvolve a autonomia em base à sua própria identidade. Este tipo de *díade* foi denominado pelo autor como *tanático-regressiva*<sup>6</sup>. Quando nenhuma das partes obtém vantagens e o núcleo materno é *fagocitante*, podendo reduzir o sujeito a ponto de chegar à morte (*tanatos* = morte). Em casos extremos, o sujeito pode tornar-se psicótico. Nos casos mais comuns, ocorre uma latente imaturidade. O resultado, posteriormente, é compreender que a vida é infelicidade e tudo é limite. E o Eu não sendo construído em base da própria identidade ou *Em Si ôntico*, leva o indivíduo à construção um *Eu fictício*<sup>7</sup>.

## 2.2 A Formação do Completo e as Descobertas da Ontopsicologia<sup>8</sup>

Uma das descobertas da Ontopsicologia é o *Em Si ôntico*<sup>9</sup>. Ele é o projeto de natureza único de cada ser humano. Com ele se tem a discriminante entre ser ou não ser, e quando, ainda na infância, já se identifica o que comumente denominamos “vocação”. Podemos representar este conceito de outra forma, conforme o Figura 1 a seguir, no item 1:



Figura 1: A estrutura do homem prevista pela natureza

A principal característica do *Em Si ôntico* é identificar no ambiente o objeto que lhe é útil e funcional. Ele não intenciona um objeto qualquer, mas aquele que já lhe é próprio. Estas pulsões do *Em Si ôntico* são comunicadas através do *Eu a priori*, item 2 da Figura 1, ao

<sup>6</sup>Consultar Dicionário de ontopsologia para a definição sobre cada tipo de díade: MENEGHETTI, Antonio. Dicionário de Ontopsologia. 2ª ed rev. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012. p. 77.

<sup>7</sup>Eu não coincidente com o *Em Si ôntico*.

<sup>8</sup>Aulas ministradas no curso de Especialização em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico, AMF, entre 2012 e 2014.

<sup>9</sup>Op. cit. 7. p.84.

*Eu lógico-histórico*, correspondente ao item 3 da Figura 1, e diz respeito à ação a ser feita e à decisão a ser tomada a cada instante.

O *Eu a priori* reflete a posição formalizada pelo *Em Si ôntico*. Comunica a ação ótima, naquela situação, ao *Eu lógico-histórico* através de uma imagem. O *Eu lógico-histórico* é a parte lógica e consciente que pode decidir atuar ou não as indicações do *Eu a priori*, e outras informações recebidas<sup>10</sup>. Faz a mediação entre o mundo introverso e o extroverso.

O complexo, por sua vez, forma-se logo na primeira infância e sua formação pode ser representada através da Figura 2, abaixo:

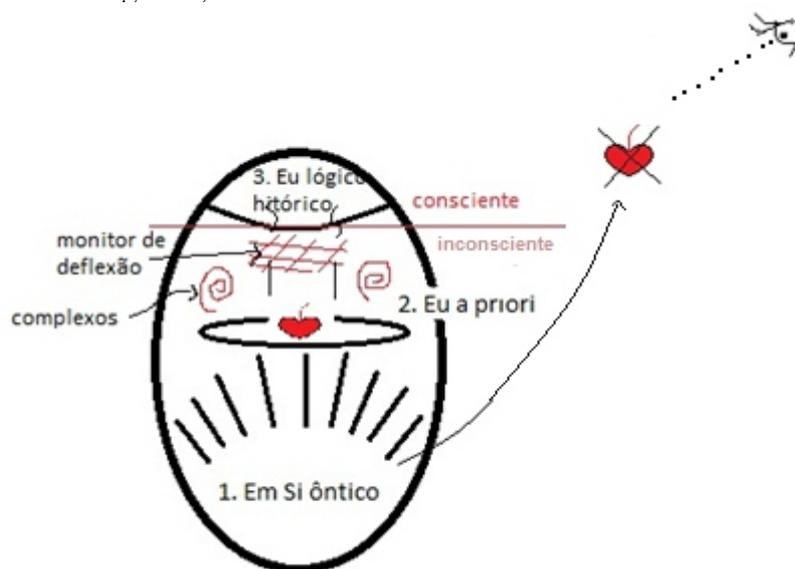


Figura 2: A formação do complexo

Em uma situação casual, no momento em que parte a pulsão do *Em Si ôntico* em direção ao objeto, classicamente representado, por Antonio Meneghetti, pela maçã, dá-se a intervenção do adulto-mãe. Este adulto pode ou não ser a mãe biológica, mas é, sobretudo, aquele adulto de maior referência afetiva para a criança, e que naquele momento está em frustração, com necessidade de compensação. Esta interferência é representada no Gráfico-2 através do olho, pois é através de um contato ocular de ódio chantageador que o adulto comunica à criança que a maçã é proibida. Além de verbalmente, o adulto comunica através de *campo semântico*<sup>11</sup> e com o reforço de condenação do superego social, a seguinte mensagem: “ou estás do meu lado, ou não terás nada”.

A mãe não é negativa, porque aprendeu daquele modo, ou seja, é inconsciente a si mesma. A criança decide não pegar aquela maçã para manter um primado afetivo com aquele adulto de máxima referência, do qual é dependente. Esta é a primeira traição que o indivíduo comete contra si mesmo. Aquela pulsão, aquela intencionalidade, então, é censurada, reprimida e removida, ou

<sup>10</sup>Op. cit. 7. p.209.

<sup>11</sup>Campo semântico: Transdutor informático sem deslocamento de energia; a comunicação-base que a vida usa no interior das próprias individuações. Consultar: MENEGHETTI, Antonio. Dicionário de Ontopsicologia. 2ª ed. rev. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

ou seja, esquecida. Mas não desaparece. Por mais que seja uma situação corriqueira, como pegar uma maçã, a ação é removida, e o sujeito experimenta o sofrimento, afinal, ele renunciou, traiu a si mesmo em prol de um primado afetivo. É ele mesmo quem censura, reprime e remove o próprio instinto. É justamente na troca de olhares que se insere o *monitor de deflexão* e essa cena é chamada, pela ciência ontopsicológica, de matriz reflexa. A *matriz reflexa*<sup>12</sup> é justamente a imagem através da qual se insere e fixa-se o *monitor de deflexão*. Matriz por ser o molde, o modelo que vai programar as ações sucessivas do indivíduo. Reflexa porque age de modo especular, ou seja, por indução de imagens.

O *monitor de deflexão* é um dispositivo inserido na civilização humana que altera as projeções do real à imagem<sup>13</sup>. A imagem sofre uma interferência e não coincide mais com o fato real. Para poder agir, o *monitor de deflexão* opera através de pontos fixos, leis que regulam o comportamento ético<sup>14</sup>. A partir do momento em que se insere, é quando se dá a subtração de consciência do *Em Si ôntico*. O sujeito passa a experimentar o medo e a angústia. E surge, com isso, o inconsciente e o complexo, que é um precipitado psicoemotivo do *monitor de deflexão*. Trata-se de uma pulsão do *Em Si ôntico* que deveria ter sido identificada e atuada por parte do Eu, mas que, no entanto, sofreu uma censura, uma repressão e foi removida no momento da *matriz reflexa* e inserção do *monitor de deflexão*. Portanto, o *complexo* não é de fato a patologia, mas uma fixação de energia, que age de forma autônoma em antecipação ao Eu. Ou seja, antes de o Eu tomar a decisão, o *complexo* já agiu.

O resultado desta dinâmica é a determinação de um estereótipo fixo, geralmente o mais valorizado naquele contexto familiar. O sujeito passa a absolutizar aquele estereótipo e não relativiza mais, de modo a priorizar a atuação de seu projeto original, a sua identidade. Com isso, perde a autenticidade, constrói um *Eu fictício* e suas ações não reverberam mais com o seu projeto inicial, de natureza.

Após esse acontecimento, o *Em Si ôntico* continua comunicando através do *Eu a priori* ao *Eu lógico-histórico*, porém, o *monitor de deflexão* continua interferindo do real à imagem, e pelo fato de a *matriz reflexa* passar a fazer parte dos primeiros traçados mnemônicos, não é possível eliminá-lo. Porém, é possível isolá-lo através da recuperação da exatidão da percepção organísmica<sup>15</sup>. Enquanto o sujeito não recupera a capacidade de leitura da imagem do *Eu a priori*, ou seja, “reconduzir a lógica do Eu à lógica do *Em Si ôntico*, para consentir a realização”<sup>16</sup>, não será capaz de criatividade, pois é coagido a repetir aquele modelo aprendido na infância.

---

<sup>12</sup>Op. cit. 7. p. 156.

<sup>13</sup>Op. cit. 7. p. 175.

<sup>14</sup>Op. cit. 9. p. 174.

<sup>15</sup>Op. cit. 10. p. 175.

<sup>16</sup>Op. cit. 10. P. 134.

Para tanto, o indivíduo precisa passar por um processo de *metanoia*, isto é, mudança da mente em correspondência com as diretivas *organísmicas*<sup>17</sup>, e, com isso, tronar-se autêntico, ou seja, coincidir suas ações com aquilo que é. *A metanoia* é um processo de autenticação, pois consente a recuperação da percepção organísmica, através de contra hábitos positivos. A autenticação é a coincidência das ações com aquilo que se é originalmente.

### 3. SOLUÇÃO: APSICOTERAPIA DE AUTENTICAÇÃO

A etimologia da palavra 'psicoterapia' significa cuidado interior da alma. Além da cura, trata da contínua evolução do homem de modo integral e criativo. Para exercer a psicoterapia ontopsicológica<sup>18</sup> é necessária a formação de um técnico exato, autêntico, e um conhecimento vasto sobre o homem, incluindo cultura, filosofia, gastronomia, letras etc. Além dos diplomas, é necessária também a formação como pessoa, pois a personalidade do terapeuta é o instrumento de trabalho. A sua própria autenticidade conduz o cliente a perceber a si mesmo. Sabendo centrar a dinâmica através do *campo semântico*, o terapeuta pode realizar uma verdadeira intervenção cirúrgica. Conforme refere o autor:

A psicoterapia é um bisturi fantasma. O psicoterapeuta deve comportar-se como um cirurgião: enquanto opera dá máxima atenção a tudo, mas assim que termina a operação deve deixar o tempo e a natureza agirem. (MENEGETTI, 2010, p. 282).

Este modelo psicoterapêutico possui um objeto, método, instrumento, critério e fim bem definidos. Usa-se o raciocínio indutivo-dedutivo, a intuição, o critério *organísmico*, e a análise diagnóstica. O instrumento é o diálogo e o critério é o *Em si organísmico*<sup>19</sup>. O fim é a autenticação do humano. A cura acontece por consequência e resultado. Os sintomas aprovam ou reprovam a atuação do psicoterapeuta.

A diagnose é feita através da anamnese ou biografia histórica, sintoma ou problema, fisiognômico-cinésico-proxêmica (examina-se a linguagem do corpo), sonho (do qual a Ontopsicologia descobriu o código de leitura), *campo semântico* e resultado. Com estes seis elementos, faz-se a indução e o diagnóstico completo. A dedução é feita através de perguntas, e a intuição parte diretamente do *Em Si ôntico* - o critério organísmico - por campo semântico. Com isso, pretende-se qualificar o próprio dom de natureza do cliente. Não se trata de curar os doentes, mas de colocar em função o critério ôntico.

---

<sup>17</sup>Envolve a parte psíquica, biológica e espiritual.

<sup>18</sup>MENEGETTI, Antonio. Manual de Ontopsicologia. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010. p.281.

<sup>19</sup>op. cit. 9. p.288

O trabalho inicia-se logo com o primeiro impacto, a primeira impressão de quando se dá o encontro entre cliente e psicoterapeuta. Observa-se cada detalhe, o modo como se veste, como fala, gesticula, como se senta, e se apresenta coerência com o seu discurso verbal. Na primeira sessão se tem, então, uma ideia de como se dará o percurso terapêutico. Nas sessões sucessivas procura-se fazer com que o cliente entre em introspecção, na medida em que relata a sua história, fala sobre a família, o trabalho, seus interesses e anseios. Durante este processo geralmente se encontram resistências de diversos tipos, como, por exemplo, banalizar a sua própria história ou o seu problema. Esta etapa acontece quando o cliente consegue relatar e recordar de como se deram os fatos com emoção, e descobrir em quais momentos ele mesmo (o cliente) bloqueou o seu crescimento, quando negou e quando ocorreram as deformações, passando a perceber que ele mesmo foi responsável por estes acontecimentos. Passa-se então a descobrir que houve um Eu perdido no meio do caminho. O que realmente queria, em qual ponto cedeu às exigências externas e deixou de ser quem e como realmente gostaria. A individuação do Em Si ôntico se dá quando o cliente consegue desviar sua atenção dos problemas mais imediatos e corriqueiros e perceber em si mesmo a sua própria e verdadeira identidade. E é sobre o Em Si ôntico que se dará toda a diretividade da psicoterapia. O ontopsicólogo faz a leitura e expõe à consciência do cliente, de modo que ele possa escolher e agir voluntariamente depois disso.

Durante o processo terapêutico é muito comum, conforme já citado no parágrafo anterior, ocorrerem resistências. Elas não devem ser combatidas. O terapeuta deve compreender que é uma energia complexual a ser reordenada. Caso a resistência seja com a figura do terapeuta, este pode renunciar ao trabalho, sem deixar com que se torne uma luta e nem levar nada para o lado pessoal. Pode ainda ser uma rigidez do Eu do cliente, que acredita ser capaz de controlar tudo e a todos, e tenta ao máximo salvar as suas certezas, crenças, opiniões. O psicoterapeuta evidencia que suas crenças não condizem com os dados reais e concretos do próprio cliente. Neste caso, deve mostrar pacientemente ao cliente que existe o inconsciente e aos poucos mostrar a sua realidade. Caso a resistência seja complexual, isto é, -que age autonomamente do Eu, o terapeuta deve reconhecer e entender a força do complexo, trabalhando para que ela seja reinvestida em função do próprio Eu do cliente. O último modo de resistência, citado por Antonio Meneghetti<sup>20</sup>, é aquele que ocorre por transfert. Quando o cliente concorda ou aceita gratuitamente o que o terapeuta indica, mas com a finalidade de não mudar ou ainda de parasitar o terapeuta.

Ao saber sobre os modos de resistência, quais são e quais suas funções, o terapeuta pode trabalhar preventivamente, e no momento exato e com a experiência, conseguir distinguir e saber como contornar a situação sem perder de vista o escopo. De todo modo, a psicoterapia implica em

---

<sup>20</sup>MENEGHETTI, Antonio. Manual de Ontopsicologia. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010, p. 314.

um tempo longo e a decisão contínua por parte do cliente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: O NASCIMENTO DO EU

O Eu, sendo a estrutura que faz a mediação entre a realidade externa e o organismo, nasce no momento em que seleciona o objeto, o ambiente, para si, sendo o instinto de posse o primeiro que garante a conservação e o crescimento. Ocorre no início da vida, durante o processo de conscientização do próprio corpo. Sendo assim, o nascimento do Eu se dá quando consegue metabolizar aquilo que lhe é próprio conforme as indicações do seu *Em Si ôntico* através do *Eu a priori*. Por mais que o homem nasça com o seu projeto de natureza, este precisa ser construído historicamente. Neste sentido, é um Eu que pode e deve nascer continuamente, sendo resultado de cada ação cônica ao projeto original. Mais fazer torna-o mais ser e vice-versa. O resultado é satisfação de tornar-se pessoa.

O Eu possui a função de distinguir o real, escolher, e desenvolver-se sempre mais. Caso as escolhas não sejam apropriadas, o potencial diminui. Assim como permanecer na indecisão, evitando a responsabilidade da escolha, a situação sobrepõe ao sujeito. Passa a ser tomado pelas escolhas de outros e torna-se objetificado. De outra forma, cada ação conduzida em coerência ao projeto faz com que o sujeito retorne ao todo, ao Ser, e por isso torna-se mais ser, mais pessoa, torna-se exato. Conforme refere Antonio Meneghetti, os deveres do *Eu lógico-histórico* são:

1) Deve realizar a si mesmo externamente sem contradizer os estereótipos do social e a fenomenologia histórica; deve se adaptar para não entrar em colisão, caso contrário é destruído. 2) Deve construir o caminho passo a passo, como faz a água do rio, preparando-se o leito, virando aqui e ali, até chegar ao mar. O Eu lógico-histórico está sempre em um compromisso: deve salvar a sociedade e a sua inseidade metafísica, não deve destruir nem a sociedade nem o Em Si ôntico. É o equilíbrio da dupla moral<sup>21</sup>. O Eu deve ser o construtor da medianicidade entre ser e existência, pessoa e sociedade. (MENEGETTI, 2010, p. 42).

O nascimento do Eu é uma constante responsabilidade, vitória e crescimento contínuos, encontrando os objetos que estimulam a evolução e exercendo o tirocínio com criatividade. Diferente da vitória sobre os outros, é uma vitória interior. Transcende no prazer com o que é, sabe e faz. Antonio Meneghetti fala sobre a “Psicologia da Vitória”<sup>22</sup>. Ela é todo o fim da Ontopsicologia. Ocorre quando o sujeito consegue ter uma vida ordenada e passa a se dar conta de que já está no paraíso. Isso é possível ao retomar e requalificar a dignidade de si mesmo e a responsabilidade sobre tudo aquilo que deve fazer. Viver com admiração e não se voltar para trás.

---

<sup>21</sup> A dupla moral, segundo o autor, é o que explica no mesmo parágrafo quanto ao saber fazer a medianicidade entre ser e existência, salvando a sociedade e a sua própria inseidade, ou seja, a moral e a moral ôntica, sem destruir nem um nem outro.

<sup>22</sup> MENEGETTI, Antonio. O nascimento do Eu. 2º Ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2003, p. 103.

Encontrar sempre novos objetos que estimulem a sua evolução, e por isso estar sempre também ligado à criatividade. São formas de reencontrar a proporção exata dos próprios instintos e, com ordem, colocar-se em existência novamente com novidade e estética.

O papel da psicoterapia de autenticação, nesse processo, consiste em reencontrar o *Eu a priori* do cliente, uma vez que este se acha perdido e desviado após a inserção da *matriz reflexa* e do *monitor de deflexão*. Com isso, pode-se fazer com que o próprio cliente seja capaz novamente de encontrar a solução, a ação otimal do momento, conforme o seu projeto de natureza.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Érico de L.; BARBIERI, Josiane B. P. Por que Ontopsicologia? Revista Saber Humano, Recanto Maestro, n. 3, p. 8-13, 2013.

GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KLEIN, M. A Psicanálise da Criança. 3 ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1981.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de Metodologia Científica. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MENEGHETTI, Antonio. A arte de viver dos sábios. 4 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. Dicionário de Ontopsicologia. 2 ed. rev. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. Imagem e inconsciente. 3 ed. Florianópolis: Ontopsicologica Editrice, 2003.

MENEGHETTI, Antonio. Manual de Ontopsicologia. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. Nova fronda virescit. vol 1. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2006.

MENEGHETTI, Antonio. O nascimento do Eu. 2 ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2003.

MENEGHETTI, Antonio. Ontopsicologia Clínica. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2008.

MENEGHETTI, Antonio. Prontuário onírico. 6 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

VIDOR, Alécio. Fenomenologia e Ontopsicologia. De Husserl a Meneghetti. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.